

PRÁTICAS CRÍTICO-REFLEXIVAS ATRAVÉS DO JUDÔ NO PROGRAMA NOVO MAIS EDUCAÇÃO

Ana Claudia Dias Ivazaki (Autora); Leonardo Hiromitsu Ivazaki (Coautor)

Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: anaivazak@gmail.com; ivazakileonardo@gmail.com

Resumo: Este trabalho é fruto de um relato de experiência de cunho etnográfico realizado numa escola estadual na cidade de Campina Grande-PB. A coleta de dados foi realizada a partir dos extratos das falas de alunos/educandos e do plano de aula posteriormente elaborado pelo professor de Judô. Apresentaremos o processo dialógico construído durante as oficinas de judô no Programa Novo Mais Educação, a partir das sugestões de alunos/educandos, um brasão para uma escola pública. Para a realização desta atividade, foi necessária a interdisciplinaridade. Nosso objetivo com essa ação pedagógica foi desenvolver atividades que possibilitassem práticas crítico-reflexivas por parte dos alunos/educandos. No total, a aula envolveu 36 educandos com faixa etária entre 10 e 14 anos. A partir desse momento de interação, no qual o Judô deu espaço para o conhecimento da cultura local através de estudos sobre o Nordeste, a Paraíba e a realidade dos alunos, inferimos que são múltiplas as possibilidades dentro do ambiente educativo formal. Realizar esta atividade foi extremamente importante para todos os envolvidos. As técnicas e ensinamentos de Jigoro Kano extrapolam a prática de golpes; baseiam-se numa filosofia de alteridade e respeito às diferenças, possibilitando a inclusão social e a abordagem dos mais variados temas. Ao final das atividades, nosso objetivo foi alcançado conjuntamente. Embora cada docente se depare com uma realidade diferente, ao se dedicarem à realização de suas atividades, é imprescindível olhar o outro, fazer-se presente como ouvinte para favorecer uma relação de aprendizagem mútua.

Palavras-Chave: Práticas crítico-reflexivas. Novo Mais Educação. Judô. Interdisciplinaridade.

Introdução

Este trabalho originou-se de um relato de experiência durante as aulas de Judô oferecidas no Programa Novo Mais Educação, na cidade de Campina Grande-PB. Segundo o Brasil (s/d, s/p) esse programa promove oficinas que objetivam a “melhoria do desempenho educacional mediante a complementação da carga horária em cinco ou quinze horas semanais no turno e contra turno escolar”. Podendo, assim, ser entendidas como atividades isoladas, espaço de complemento curricular e/ou recreação, uma vez que objetivam, como já supracitado, o complemento de carga horária. O programa tem também como finalidade contribuir para a:

I - alfabetização, ampliação do letramento e melhoria do desempenho em língua portuguesa e matemática das crianças e dos adolescentes, por meio de acompanhamento pedagógico específico; II - redução do abandono, da reprovação, da distorção idade/ano, mediante a implementação de ações pedagógicas para melhoria do rendimento e desempenho escolar; III - melhoria dos resultados de aprendizagem do ensino fundamental, nos anos iniciais e finais – 3º e o 9º ano do ensino fundamental regular. IV - ampliação do período de permanência dos alunos na escola.

Para além dessas finalidades colocadas pelo Ministério da Educação, compreendemos esse espaço como oportunidade de inclusão social e reflexão em que professores/educadores e alunos/educandos participam de um processo de educação sem tantas “amarras” (provas e/ou testes de avaliação quantitativa), possibilitando, outras demandas, como o pensamento crítico, a reflexão ação/prática, as habilidades de comprometimento com os problemas da comunidade e/ou causas sociais, através do desenvolvimento de projetos que possam interagir com todo o currículo proposto pela unidade de ensino e aprendizagem.

Em todas as aulas, procuramos oportunizar, além das vivências com o Judô, espaços abertos para que os educandos/alunos possam colocar demandas diversas. Como Freire (1987, p. 08) enfatiza, “O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana, ou seja, o diálogo não é um produto, mas a própria história”. Então, essa consciência de que sempre podemos ir além do que pede o nosso componente curricular equivale a saber que nosso objetivo não está apenas em ensinar dentro de um programa, mas, sim, de contribuir para a “hominização” numa dimensão inter-transdisciplinar comprometida com o fortalecimento da cidadania ativa.

Dito isto, integramo-nos às sugestões e propostas dos educandos objetivando desenvolver um *brasão* para a escola, uma vez que, segundo os/as alunos/as, a unidade educacional não dispunha de um. Nesse contexto, surge o questionamento: *Professores de Judô poderiam abrir espaço para a construção dessa demanda?* Nesse aspecto, concordamos com Mendes, Cavalheiro e Gitahy (2010, p. 23) quando inferem: “os educadores terão maior chance de cumprir o seu papel a partir do momento em que perceberem e explorarem as singularidades de cada aluno”. Assim, o diálogo e a construção de conhecimentos diversos dentro de nossas aulas sempre foi algo que procuramos oportunizar.

Nosso ponto de partida foi as oficinas de Judô no ensino fundamental, com alunos na faixa etária entre 10 e 16 anos, que sugeriram a elaboração de um *brasão* para a Escola Estadual de Ensino Fundamental Murilo Braga. A segunda etapa consistiu em realizar uma pesquisa interativa com o corpo discente para averiguar a necessidade de um estandarte que representasse a escola. A partir de ideias advindas dos alunos, cada participante do esporte Judô mencionou um tópico (tema/item) que deveria estar presente no brasão. Os/as alunos/as sugeriram que os temas deveriam aludir ao Estado da Paraíba, algo que o representasse, e assim foram realizadas pesquisas referentes aos temas sugeridos pelo corpo discente.

Posteriormente, as sugestões foram debatidas e discutiu-se sua validade para a elaboração do estandarte. Os itens foram os seguintes: 1. *Agrícola* - algodão colorido

produzido no Estado da Paraíba; 2. *Mineral* - turmalina Paraíba, o formato do estandarte, sua cor (verde), sendo existente em 05 (cinco) minas no mundo todo, uma delas na Paraíba; 3. *Educação / Acadêmico* - *Capello*; 4. *Clima* - Sol, clima quente do Nordeste paraibano; 5. *Fauna* - Ave de rapina brasileira (gavião-carijó) existente em solo nordestino. A partir dessas sugestões, construímos coletivamente o *brasão* da escola.

Metodologia, resultados e discussão:

A pesquisa em questão é referente a um relato de experiência de cunho etnográfico realizado numa escola estadual situada na cidade de Campina Grande-PB, no Bairro da Liberdade. A coleta de dados foi realizada a partir dos extratos das falas de alunos/educandos e do plano de aula posteriormente elaborado pelo professor de Judô. A atividade contou com a participação de 36 alunos/educandos, nos turnos manhã e tarde, que frequentam o Programa Novo Mais Educação. O tempo destinado ao desenvolvimento dessa ação educativa foi de 06 (seis) aulas de 2h/a cada, vivenciadas ao longo de 04 (quatro) semanas. As sugestões dos alunos/educandos foram fundamentais para a elaboração final do *brasão*, o qual os elementos inseridos estão dispostos na imagem abaixo:

Figura 01 - Elementos utilizados para a confecção do brasão da EEEF Murilo Braga.

REPRESENTAÇÃO	SIGNIFICADO
	O ALGODÃO COLORIDO
	TURMALINA PARAÍBA
	CAPPELO
	O SOL
	GAVIÃO-PEGA-PINTO

Fonte: Leonardo Ivazaki, abril de 2018.

A alternância de metodologias utilizadas durante as aulas tem nos proporcionado o desenvolvimento de atividades extraclasse, como as pesquisas realizadas pelos alunos/educandos para chegarmos aos resultados que consideramos satisfatórios. Segundo Kolyniak Filho (2012), “Os avanços da Educação Física Escolar, nos últimos anos, possibilitam múltiplas propostas para e nos sistemas públicos de ensino”. Destarte, a identificação de diferentes símbolos associados à sua própria cultura proporciona aos/às alunos/as uma ampliação do seu conhecimento referente ao contexto do qual eles/as fazem parte, o levantamento dos símbolos do *brasão* proporcionou aos alunos/educandos uma função ativa no processo de criação.

Quanto às estratégias didáticas utilizadas, também elencamos: a pesquisa interativa, o uso de novas tecnologias, o estudo da geografia da Paraíba e suas riquezas naturais, a importância da escola como ambiente formativo formal (representado pelo Capello), que levou ao conhecimento interdisciplinar e à valorização da sua cultura. Em síntese, a contribuição deste trabalho está em apresentar a importância da flexibilização de aulas objetivando ir ao encontro da produção de conhecimentos a partir da reflexão e da interação dos alunos/educandos.

Em geral, a expectativa em torno das aulas de Educação Física permeia as atividades corporais, mas, nem por isso, devemos nos ater apenas a estas. Para o enfrentamento dos desafios impostos à educação do século XXI, faz-se necessário que, como ressalta Kolyniak Filho (2012), “professores sistematizem cuidadosamente todo o processo de ensino, inclusive a abordagem de conteúdos diversos”. Desta feita, compreendemos que este trabalho, pautado na cooperatividade entre professor/educador e alunos/educandos, nos proporciona o que Jigoro Kano (2008, p. 81) infere: “um tesouro não usado é um tesouro perdido”.

Como fazemos parte do processo da/na educação pública, devemos objetivar o compartilhamento de saberes inter-transdisciplinares, não nos atendo apenas a “uma” área de conhecimento, mas, sim, às que forem necessárias, estando ou não previstas em nosso “componente curricular”. Como sabemos, a maioria dos métodos adotados nas escolas brasileiras segue o modelo “fragmentado”, por disciplinas, em que cada professor/educador é “responsável” por um determinado conteúdo.

Embora existam esforços para se implantar a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, a rotina escolar muitas vezes pode ser inflexível, deixando pouco espaço para essa interação, pois as escolas atualmente estão fortemente marcadas por avaliações sistemáticas que objetivam “medir” a qualidade das escolas através de “números”, a exemplo da Prova Brasil e da Provinha Brasil, que indicam o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), cujas “medidas de desempenho” estabelecem que:

As médias de desempenho utilizadas são as da Prova Brasil, para escolas e municípios, e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), para os estados e o País, realizados a cada dois anos. As metas estabelecidas pelo Ideb são diferenciadas para cada escola e rede de ensino, com o objetivo único de alcançar 6 pontos até 2022, média correspondente ao sistema educacional dos países desenvolvidos (BRASIL, s.d., *on-line*).

A efetivação dessas avaliações pode impor ao currículo escolar e aos profissionais da educação um ritmo voltado ao bom desempenho dos alunos nesses testes, pois, em geral, as escolas têm sua qualidade atrelada a esses índices, o que pode prejudicar e/ou desestimular a vivência de projetos que tragam temáticas não abordadas nesses supracitados testes. Entretanto, é imprescindível flexibilizar as práticas pedagógicas e ir além dos testes propostos nessas avaliações externas, olhar “o outro” e/ou “os outros”, numa perspectiva de alteridade e amorosidade, como nos ensinou Freire, fomentando uma educação libertadora de fato, de modo a incentivar o pensamento crítico-reflexivo, em que o sujeito precede o método e a

flexibilidade precede a inflexibilidade, através da ética e do respeito às diferenças como base do planejamento pedagógico. Em se tratando do Judô, Jigoro Kano (apud SAMPAIO, 2011, p. 06) assim explicitou:

Todas as criaturas, grama e árvore, são plásticas e moldáveis. Mortas, são quebradiças e secas. Irredutibilidades são a conduta da morte, moldabilidade é a companheira da vida. Soldados inflexíveis não obtêm vitórias. A árvore mais rígida é a mais procurada pelo machado. O forte e poderoso desaba de seu lugar, o suave a adaptável eleva-se sobre todos eles.

Em síntese, Jigoro Kano coloca a inteligência a serviço da coletividade, baseado da humildade, sabedoria, paciência de ensinar e aprender. Cultivando a paz e o respeito ao outro, ele descreveu assim a educação: “Educação, não há nada maior no mundo. A educação moral de uma pessoa se estende a 10 mil pessoas. A educação de uma geração se expande por uma centena de gerações” (KANO, 2008, p. 121).

Ora, se a base da educação são a humildade, a simplicidade, a alteridade e a coletividade, entre outros atributos, limitamo-nos a aulas práticas de Judô, pois não foi isso que Jigoro Kano nos ensinou e nos deixou como legado. Segundo os princípios estabelecidos por ele, o Judô pode ser dividido em três níveis: “básico, intermediário e superior”, e esse último só pode ser atingido no “[...] uso da energia do ser humano para o bem da sociedade” (KANO apud UCHIDA; MOTTA, 2013, p. 11).

Assim, procuramos desenvolver as nossas vivências com os/as educandos/as por meio do Judô, fomentando a reflexões sobre o corpo e também a mente não como partes separadas, mas como um ser holístico, integral, indivisível, entendendo a educação como um processo que vai muito além de avaliações pré-estabelecidas.

Esse processo de formação pode se dar de várias maneiras, por caminhos diversos, no nosso entender, de forma coletiva e vertical, em busca do fortalecimento dos laços afetivos como “porta de entrada”, pautados na filosofia humanizadora defendida por Kano, Freire, entre outros.

Convencidos que estamos no caminho para fortalecer a escola pública, gratuita, universal e de qualidade (para além do IDEB), oportunizamos-nos a discussão de temas diversos, entre eles, o estudo para elaborar o brasão da EEEF Murilo Braga, que nos levou a conhecer um pouco mais sobre a cultura nordestina e paraibana, conhecer mais o nosso lugar de fala. O resultado está apresentado a seguir:

Figura 02 - Versão final do brasão da EEEF Murilo Braga.



Fonte: Leonardo Ivazaki, abril de 2018.

Conclusões:

A partir da realidade apresentada neste texto, inferimos que os objetivos foram alcançados. Os alunos participaram ativamente e, ao final, foi elaborado o brasão, que foi aprovado pelos alunos, bem como pelo corpo docente e gestão da EEEF Murilo Braga. Como produto final, além do *brasão*, foi confeccionado um *estandarte*, sugestão dos alunos, para que ele pudesse, juntamente com os alunos/educandos, representar a escola em apresentações tanto dentro da instituição como fora dela.

Cada docente se depara com uma realidade diferente. No entanto, ao se dedicarem à realização de suas atividades, é imprescindível olhar o outro e se fazer presente como ouvinte, possibilitando uma relação de aprendizagem mútua, assim como o fundador do Judô nos instruiu, pois o Judô é mais do que uma prática esportiva: é cultura, filosofia. Para Kano (apud UCHIDA; MOTTA, 2013, p. 11):

Não importa se você é uma pessoa maravilhosa, que tenha uma inteligência brilhante e um corpo forte, se morrer sem atingir a meta, isso de nada adiantará. Como diz o provérbio, “um tesouro não usado é um tesouro perdido”. Você pode dizer que se aperfeiçoou, mas não que tenha contribuído para a sociedade. Eu insisto em dizer que os praticantes de Judô

precisam reconhecer que ele tem três níveis e que é preciso treinar igualmente os três.

O Judoca precisa treinar o nível básico, que é defesa e ataque, através do qual ele alcançará o nível intermediário, que corresponde ao aprimoramento da mente e do corpo, e, por fim, como já mencionado, o superior, que se refere à prática do bem em prol da sociedade.

No contexto da educação pública, encontramos dificuldades, como falta de estrutura e de continuidade nas oficinas de Judô. Além disso, os recursos são disponibilizados alguns meses por ano. Em outros anos, simplesmente não vêm.

No nosso caso, atualmente não existem recursos para o pagamento dos oficinairos que trabalham no Novo Mais Educação no local onde estamos atuando, mas continuamos o nosso trabalho de forma voluntária, usando o nosso tempo junto aos educandos para vivenciar o Judô em seus três níveis. Estamos convencidos de que a educação pública brasileira precisa ser (re)pensada de forma a promover de fato o que a lei determina: educação pública, gratuita, universal, de qualidade. Pois todos os/as cidadãos/ãs merecem ter acesso às mesmas oportunidades de desenvolvimento pleno.

Não somos apenas números numa estatística, somos pessoas, cada uma com sua individualidade e com seus sonhos. A escola pode ser entendida, entre outras compreensões, como um espaço que promove oportunidades iguais para os que lhe frequentam. E é nesse sentido que temos nos comprometido. Embora haja, por parte das políticas públicas, uma descontinuidade nas propostas educativas, não podemos nos deixar abater pelo desânimo, mas persistir, pois “aquele que pratica o judô não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar” (KANO apud SAMPAIO, 2011, p. 05). Abaixo, segue parte de nosso grupo, que unido luta pela igualdade de oportunidades e pelo desenvolvimento integral um do outro e com o outro.

Figura03 - Turma do Novo Mais Educação da EEEF Murilo Braga com o brasão impresso num banner.



Fonte: Leonardo Ivazaki, agosto de 2018.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **IDEB**– Apresentação. Brasília: Ministério da Educação, s.d. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

BRASIL. **Programa Novo Mais Educação**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MENDES, Rodrigo Hubner; CAVALHERO, José; GITAHY, Ana Maria Caira. **Artes visuais na educação inclusiva**. 1. ed. São Paulo: Peirópolis, 2010.

KANO, Jigoro. **Energia mental e física**: escritos do fundador do judô. São Paulo: Pensamentos, 2008.

KOLYNIAK FILHO, Carol. **Construindo conceitos**: contribuições para a sistematização do conteúdo conceitual em educação física: anos finais do ensino fundamental. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

SAMPAIO, Raphael. **Judôno Kenkyu**. S.l.: [s.n.], 2011. Disponível em: <<http://www.fecju.com.br/exame/Material%20did%C3%A1tico%20pedag%C3%B3gico%20para%20estudo%20de%20forma%C3%A7%C3%A3o%20e%20aperfei%C3%A7oamento%20de%20Faixa%20preta%202012.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2018.

UCHIDA, Rioiti; MOTTA, Rodrigo. **Uruwachi**: o espírito do judô. São Paulo: Évora, 2013.